REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

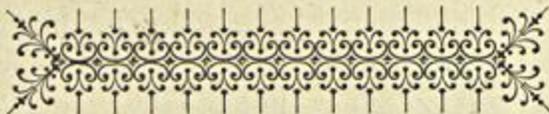
14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 444

21 DE ABRIL DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SILVA PORTO

CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento dominante dos ultimos dez dias foi aquelle a que nos referimos na nossa ultima chronica o enterro do illustre sertanejo Silva Porto.

Como dissemos, precisamente á hora em que nós estavamos escrevendo essas linhas a população de Lisboa acotovellava-se nas ruas do transito, e descobria-se reverente ante os restos mortaes d'esse benemerito portuguez, que mereceu da sua patria esse enterro que foi um cortejo civico, esses funeraes que foram uma apotheose.

As duas primeiras cidades de Portugal, Lisboa e o Porto prestaram uma homenagem excepcional a esse illustre morto a quem a Patria tanto deveu.

Vamos rapidamente dar noticia aqui do que se passou em Lisboa, que a descripção dos funeraes de Silva Porto na cidade invicta, que lhe foi berço e hoje lhe é tumulo, encontrarão os nossos leitores, n'este mesmo numero do nosso jornal, feita pelo nosso correspondente n'aquella cidade, o illustre jornalista portuense e nosso presado amigo o sr. Manuel Maria Rodrigues.

No sabbado, 11 do corrente ás dez horas da manhã celebraram se na capella do Arsenal de Marinha, onde os restos mortaes de Silva Porto tinham ficado depositados da vespera, os officios funebres a que assistiram os representantes de Suas Magestades e Altezas, todo o ministerio excepto o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, preso em casa por incommodo de saude, a Sociedade de Geographia, pares, deputados, auctoridades superiores civis e militares, representantes das camaras municipaes de Lisboa e Porto, jornalistas, etc.

Findos os officios a urna que encerrava os despojos do grande africanista foi collocada sobre uma carreta forrada de preto e coberta com a bandeira da Sociedade de Geographia, e transportada para o Terreiro do Paço onde a esperava o immenso e imponente cortejo que devia acompanhal-a á estação nova do caminho de ferro do norte e leste, na praça de Camões.

Então o prestito começou logo a desfillar levando á frente a banda e o 1.º batalhão escholar dos orphãos da Real Casa Pia de Lisboa, composto de 208 alumnos. Seguiam-se-lhe pela sua ordem: os alumnos do Collegio Universal, do collegio de Nossa Senhora da Conceição, do Lyceu Polytechnico, da escola do Gremio Popular, da Escola Academica, do Instituto Industrial, escolas do Exercito e Naval; Associação dos Estucadores Portuguezes; Centro Lisbonense; Manipuladores de pão; Sociedade dos fabricantes de tecidos; Monte-pio Maritimo 1.º de Junho; Associação dos Canteiros; Associação dos Fabricantes de Calçado; operarios da fabrica da Pampulha; empregados da Mala Real Portugueza; Bombeiros voluntarios da Ajuda, da Junqueira, da Imprensa Nacional, bombeiros municipaes, Associação dos Lojistas de Lisboa, Associação Commercial, associações commerciaes, industriaes, companhias, bancos, professorado, delegações da Universidade de Coimbra, da Academia Real das Sciencias, do Gremio Artistico, do Real Club Militar Naval, da imprensa, etc.; depois seguia, a banda d'infanteria 16, armões com as bandeiras das expedições africanas, cujos disticos transcrevemos na nossa chronica antecedente, conduzidos por alumnos marinheiros, a corôa de bronze da Sociedade de Geographia, a charanga de marinheiros, guarda de honra de alumnos marinheiros, empregados publicos, officiaes do exercito e da marinha, juizes e desembargadores, a Sociedade da Cruz Vermelha, auctoridades superiores civis e militares, representantes das duas camaras, conselheiros d'estado, ministerio e representantes de Suas Magestades.

Em seguida, de cruz alçada a collegiada presidida pelo prior de S. Julião, a carreta com a urna funeraria e atraz a direcção da Sociedade de Geographia, os representantes da camara municipal de Lisboa e do Porto, as pessoas da familia do illustre africanista e a banda da guarda municipal, fechando o cortejo uma força de cavallaria municipal.

Alem d'este prestito, organisado pela Sociedade de Geographia, seguia um outro prestito, que por motivos que ignoramos se não encorporou n'elle, o prestito organisado pela Associação Academica de Lisboa.

O cortejo sahiu do Terreiro do Paço pelo arco triumphal seguindo pela rua Augusta, rua oriental do Rocio, frente do theatro de D. Maria, e largo de Camões.

Ahi as forças armadas dos alumnos marinheiros, e os da Casa Pia formaram á entrada da estação.

Pelas ruas do prestito era enorme a quantidade de gente, e todas as janellas estavam cheias de senhoras, predominando em todas as *toilettes* côres escuras.

O prestito desfilou na melhor ordem.

Durante o transito pegaram nos cordões do feretro os srs. conselheiros Pinheiro Chagas, Julio de Vilhena, Ferreira do Amaral, Guilherme Capello, Hermenegildo de Brito Capello, Victor Cordon, Henrique de Carvalho, Antonio Maria Cardoso, Roberto Ivens, Henrique Couceiro, Caminha, Gomes Coelho, o presidente da Sociedade da Cruz Vermelha, o deputado por Angola, o presidente da commissão da defeza nacional, o representante da camara municipal do Porto, e o presidente da camara municipal de Lisboa.

Um dos cordões era destinado ao illustre explorador Serpa Pinto, que uma grave doença impossibilitou de ir prestar esta ultima homenagem ao seu velho amigo e companheiro, e por uma attenção tão delicada quanto justa, o logar que a Serpa Pinto cabia junto da urna funeraria de Silva Porto não foi occupado por pessoa alguma.

Chegado o prestito á estação a urna foi conduzida por bombeiros voluntarios até ao *fourgon*, armado em capella ardente e onde o cadaver foi velado até ao Porto por socios da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Eram cinco horas e meia da tarde quando o comboyo partiu da estação do Rocio para a de Santa Apolonia, d'onde ás onze horas e um quarto da noite seguiu n'um expresso acompanhado por uma commissão presidida pelo sr. ministro da marinha, e de que faziam parte o sr. ministro dos estrangeiros, conde de S. Januario, Pinheiro Chagas, Barros Gomes, Luciano Cordeiro, Ferreira d'Almeida, Rodrigo Pequito, Capello, Ivens, Antonio Maria Cardoso, Victor Cordon, Vasconcellos e Abreu, bispo de Moçambique, Paulo Plantier etc.

Do que se passou no Porto, repetimos, encontrarão adeante os nossos leitores numerosa noticia, como tambem gravuras representando a chegada do cortejo á estação do Rocio, os alumnos da Casa Pia, o carro das bandeiras, etc.

Como se vê foi um cortejo imponentissimo como não se via em Lisboa desde o cortejo do tricentenario de Camões, o que em Lisboa prestou as ultimas honras a Silva Porto, e não quizemos deixar de o registar aqui na nossa chronica, como um grande acontecimento e uma grande obra de justiça nacional.

. .
.

Noticiámos largamente na nossa ultima chronica a festa deslumbrante do beneficio da Creche de Santa Eulalia, no theatro da Rua dos Condes, festa em que brilhou d'uma maneira excepcional o extraordinario talento de Theodorini, e na nossa chronica de hoje temos a noticiar tambem outra explendida festa artistica de que igualmente foi heroina a famosa cantora: — o concerto da sua despedida no salão do Theatro da Trindade.

Foi na segunda feira 13, essa notavel festa. A Real Academia dos Amadores de Musica tinha dado ali justamente oito dias antes, na segunda feira da semana anterior, um concerto em que tomaram parte muitos artistas de S. Carlos, e em que annunciára tambem Helena Theodorini.

A grande cantora porém adoeceu, não poude tomar parte n'esse concerto, e então offereceu-se gentilmente á Real Academia para fazer a sua despedida n'um concerto pago, cujo producto revertesse em beneficio das aulas da mesma Academia.

Esse concerto organisado pelo nosso presado amigo o sr Agostinho Franco, distincto critico musical do *Globo*, e violoncellista amador que faz inveja a muitos artistas applaudidos, foi um verdadeiro encanto.

Pode-se dizer que tirado uns numeros executados pela orchestra, uns solos de violino pela sr.ª Peixoto, uma distincta amadora, e um solo de violoncello pelo sr. Franco, todo o concerto foi a Theodorini.

A grande artista cantou toda a noite, o que estava annunciado no Programma, e o que não estava annunciado: — a mazurka de Chopin, a legenda *Por bem*, em portuguez musica de Mancinelli, a seguidilla da *Carmen*, os *Papilons* de Tosti, uma canção napolitana, os *couplets* de Babet et Cadet da *Nitouche*, a *Paloma* o que sei eu! um nunca acabar de maravilhas, que enthusiasmaram doidamente o publico, que esperou todo em massa á porta a illustre cantora e a acompanhou *com flambeaux* a sua casa, fazendo-lhe uma ovação enorme debaixo da janella, uma verdadeira acclamação, a que Theodorini teve que responder por tres vezes em portuguez, agradecendo commovidissima aquella manifestação de todo o ponto excepcional pela qualidade das pessoas que a faziam.

Helena Theodorini partiu na sexta feira para Madrid mas temos dados para desconfiar de que muito em breve teremos o prazer de a ver e de a ouvir de novo em Lisboa.

Gervasio Lobato.

SILVA PORTO

Foi enterrado o martyr.

Descança no sólo patrio o corpo d'aquelle cuja alma amargurada voou para os espaços, trucidada pelos desgostos que lhe causaram os grandes politicos da nação portugueza.

Já ha martyres!...

Mas as ingratidões accumulam-se e está provado ser perfeitamente impossivel, no Portugal de hoje, obter Justiça em vida.

Um homem estuda, trabalha dedicadamente, sacrifica-se por completo ao bem estar geral!?... pois não consegue uma palavra de consolação, são desprezados os seus avizos, esquecidos os seus serviços, importuno o seu conselho. Esse homem, afinal, exhausto de animo, descrente de tudo, ferido por todos, morre, e com elle vae uma parte da patria para o seu tumulo...

Então, como o *importuno* desappareceu para sempre, chega a hora dos enthusiasmos, fazem-se-lhe funeraes principescos, correm rios de ouro tapando a boca d'aquelles que vivendo proximo do martyr, poderiam contar as causas da sua morte e dizer o que elle soffria hora a hora, minuto a minuto, pelo abandono, pelo descredito que já em volta d'elle iam levantando aquelles que, na sua criminosa vaidade, nem viam que a pompa que os rodeava era alimentada pelos sacrificios d'aquelle que iam assassinando lentamente.

A morte de Silva Porto é ensinamento para alguns e um avizo para todos...

Os senhores ministros, legisladores, burocratas, chefes militares e civis, ou param no caminho condemnavel que seguem ou no turbilhão arrastam comsigo o paiz.

Em Portugal existe uma entidade que é um mixto de féra, de magico e de cortezã, chama-se — *o politico.*

Quando representa de magico deixa o auditorio maravilhado da presteza com que lhe faz desapparecer o dinheiro e como o convence de que nada perdeu!

Quando faz de cortezã, o sorriso encanta, e a unha rasga, os beijos enebriam mas o rosto fica ensaguentado; de resto, quer no papel de cortezã ou no de magico, quer no amor facil, quer na prestidigitação, lá está a fera, a fera implacavel sempre prompta a rasgar-nos o coração. Usa de palavras sonoras: — *o meu sentir, a minha honestidade, a publica administração, o thesouro do estado, a minha honra, a conversão dos fundos, a minha consciencia limpa, a bancarrota*, etc. etc.

O politico não vê senão a sua pessoa, o mundo feito é todo para elle. Tudo lhe é inferior, não escuta ninguem e quer que todos o ouçam com maxima attenção. Falla sempre alto para se deliciar com a sua propria voz. Finge não ver ninguem para ser comprimentado primeiro, e mostrar assim a sua superioridade. O pronome Eu está-lhe sempre na boca, e quando diz *elle* ou *elles* é sempre n'um leve tom ironico, o que lhe dá um ar muito distincto. Vive da intelligencia, do trabalho e do sacrificio dos outros, elle porém só, é quem é intelligente, quem trabalha e se sacrifica por todos.

Este é o *politico*.

Ora as nossas questões d'Africa, como todas as outras de interesse geral da nação, tem estado nas mãos do politico.

O OCCIDENTE, tem auctoridade para desejar o desapparecimento do *politico*, porque tendo tratado a questão africana sempre em bem da patria, nunca lhe escutaram os avisos nem os conselhos.

O periodico que primeiro, em Portugal, tornou conhecido o retrato e nome de Silva Porto foi o OCCIDENTE.

São innumeraveis as gravuras que o OCCIDENTE tem publicado de fazendas, rios, povoações, sitios, villas e cidades de Africa, tornando assim conhecidas regiões que só os exploradores e grandes viajantes conseguem ver.

Em 1879 (n.º 38, vol. 2.º) deu o OCCIDENTE a casa de Silva Porto, no Bihe, dezenho tirado do album do major Serpa Pinto.

Embora nem sempre se cite o OCCIDENTE o cer-

é que do nosso periodico tem sido tirados muitos elementos para se tratar a questão africana.

Ainda o anno passado, sem que até hoje houvesse protesto de quem quer que fosse, se affirmou que «O OCCIDENTE foi o unico periodico que apresentou um alvitre para contraminar a hypocrisia da nossa fiel alliada, que podia ser discutivel, mas no qual ninguem tocou».

Muito antes do tratado de 20 de agosto de 1890, publicou o OCCIDENTE um mappa transcripto da *Illustrated London News* onde se apresentou uma linha de limites em tudo egual á que depois appareceu no supplemento publicado pela *Gazeta de Portugal*, dirigida pelo sr. conselheiro Serpa Pimentel, então presidente do conselho de ministros.

Ninguem é propheta na sua terra mas nós fomol-o sem o pretendermos.

O unico jornal que póde fazer affirmações identicas ás do OCCIDENTE e varrer como nós a sua testada, é o *Tempo*, que tem publicado notabilissimos artigos de Oliveira Martins, o conhecido publicista, e de Armando da Silva, um moço escriptor em que peza tanto o talento como leves lhe são os annos, porque Armando Silva é muito illustrado, muito intelligente e muitissimo novo.

O OCCIDENTE fez sempre justiça e continúa, hoje e sempre, prestando-a a todos, mas quer que tambem ninguem lh'a negue; todas as auctoridades quando vêem affirmações, na imprensa, sobre factos que interessam a causa publica, procuram informar-se de seus redactores da verdade dos mesmos factos.

Já alguem procurou saber da verdade, ou ordenou severo inquerito das causas que determinaram a morte de Silva Porto? Não se procurou saber nada.

E querem saber porque?

Andava envolvido no tragico acontecimento o nome de Stanley-Arnot, um inglez que, recommendado pelo governo portuguez, conseguiu internar-se na nossa Africa e contrariar o altissimo, patriotico e santo trabalho de Silva Porto. Pelas intrigas e vilanias de Arnot perdemos a influencia em quasi toda a região comprehendida entre Angola e Moçambique. Foi decerto este bom Arnot que moveu o soba do Bihe a querer destruir a primeira expedição de Couceiro.

Mas foi ou não, Arnot?

Porque não tem o governo procurado saber qual era o genero de relações que Arnot sustentava com o soba?

Ou será porque, sim, como o sr. Arnot é inglez, não devâmos irritar a nossa amiga Inglaterra, fazendo ver á Europa que a honrada Grã-Bretanha, no santo empenho de civilisar a Africa, manda para aquellas regiões gatunos como os da *South Africa Company* ou *santinhos* como o padre Stanley-Arnot.

Pode ser que ainda d'esta vez o OCCIDENTE não logre ser ouvido nas altas regiões, mas quem o ouve, e muito bem, é o Povo pela extraordinaria procura que tem tido os numeros que tratam das questões africanas.

—Infeliz Patria!...

M. B.

OS RESTOS MORTAES DE SILVA PORTO

No Porto, como em Lisboa, a recepção dos restos mortaes de Silva Porto, foi uma manifestação imponentissima de saudade á memoria do illustre morto.

Como filho d'esta cidade, não podia nem devia ella deixar de render-lhe, como ultimas homenagens de uma admiração e de um respeito sinceros, todos os preitos devidos a um homem, que trabalhando toda a sua vida pela honra e pela gloria da patria, soube morrer como um heroe, não desejando sobreviver aos profundos desgostos produzidos pela perda da sua influencia, junto a potentados que sempre se tinham mostrado fieis e submissos á bandeira portugueza.

Era um verdadeiro coração portuguez aquelle!

Os serviços que elle tão desinteressadamente prestou ao seu paiz no continente africano, são de todos bem conhecidos. E como ultima prova da sua abnegação e do seu desprendimento dos interesses materiaes da vida, Silva Porto morreu, legando a seus filhos... a protecção dos poderes publicos!

Em presença de actos de um tão grande civismo e de um patriotismo tão manifesto, era justo que o ignorado sertanejo, tivesse, ao descer á derradeira morada, as demonstrações publicas que só costumam prestar-se aos cidadãos benemeritos.

Foi a camara municipal, como representante directa da cidade, quem se poz á frente da iniciativa d'essas homenagens posthumas.

No dia 12 do corrente, ao chegarem ao Porto, acompanhadas pelo ministro da marinha, representantes da familia real e a grande deputação da Sociedade de Geographia de Lisboa, as cinzas do inclito africanista, foram ellas conduzidas para a Real capella da Lapa, no meio de um cortejo civico imponente.

D'elle faziam parte os alumnos das escolas municipaes e de varios collegios particulares; os representantes de todas as associações de soccorros e de instrucção do Porto; os operarios de diversas fabricas; os estudantes de todos os estabelecimentos superiores d'instrucção d'esta cidade, com os seus estandartes e uma deputação da Academia, de Coimbra; as authoridades civis, militares, judiciaes e ecclesiasticas; empregados de diversas repartições publicas; directores de bancos e companhias; commerciantes e industriaes; socios da Sociedade de Geographia residentes n'esta cidade; e finalmente a familia do finado, a camara municipal, as pessoas que vieram de Lisboa, e outros cavalheiros de elevada posição social, fechando o prestito as corporações de bombeiros de Gaya e do Porto, a dos bombeiros voluntarios e deputações tambem de associações de bombeiros voluntarios de varios pontos da provincia e da Ajuda, de Lisboa.

No cortejo, algumas corôas eram conduzidas em trens elegantemente decorados, tirados a duas e tres parelhas, sendo de bronze a das Associações de Soccorros, e outras levadas em padiolas ornamentadas.

Um carro da Companhia dos Incendios conduzia a corôa da camara municipal e as de outras corporações.

O feretro repousava sobre um carro da corporação dos bombeiros voluntarios, ladeado por marinheiros da armada, conduzindo as gloriosas bandeiras das nossas explorações em Africa.

Tanto esse como os outros trens que levavam corôas, eram igualmente rodeados por alumnos marinheiros da corveta *Sagres*.

As ruas por onde passou o prestito, apresentavam um aspecto de luto como raras vezes se tem visto. Era rara a janella ou a varanda que não estivesse coberta de crepes e em muitas d'ellas viam-se bandeiras nacionaes igualmente enlutadas.

Em alguns pontos, ao passar o feretro, choviam sobre elle, das janellas, nuvens de flores.

E foi d'este modo, no meio de um recolhimento e de uma compumção geraes, que o cadaver chegou á igreja da Lapa, onde ficou depositado.

N'essa noute realisou-se no salão do Atheneu Commercial, com assistencia do sr. ministro da marinha, socios da Sociedade de Geographia, diversas authoridades e outras pessoas, entre as quaes grande numero de senhoras, uma sessão solemne em honra da memoria de Silva Porto.

Presidiu o presidente da Sociedade de Geographia o sr. contra-almirante Pereira Sampaio, discursando os srs. dr. Alves Mendes e Carlos de Mello.

No dia seguinte tiveram logar na igreja da Lapa as exequias solemnes por alma do finado sertanejo, assistindo a ellas quasi todas as authoridades e corporações, que no dia anterior haviam tomado parte no cortejo.

O templo ostentava uma decoração oppulenta e artistica.

As paredes estavam completamente cobertas de preto, e no sitio dos altares viam-se grandes cruzes de seda branca, agaloadas de prata.

A cada um dos pilares do templo correspondia um tropheu formado pela bandeira nacional e por uma inscripção relativa á vida de Silva Porto, acompanhada de um trecho adequado, dos *Lusiadas*.

E nas inscripções eram as seguintes:

«Nasceu no Porto a 24 de agosto de 1817.—Encetou a carreira commercial embarcando para o Brazil em 1829.—Foi para a Africa em 1838.—Agricultou as feitorias de Bemposta, Estrella, Santo Antonio e Belmonte, 1838 a 1890.—Lançou emissarios no caminho do Lui pelo Lutembo e pelo Riambeje, 1841.—Fez varias viagens no sertão relacionando o commercio, 1841 a 1887.—Travessia do Bihé a Moçambique, 1852 a 1853.—Foi nomeado capitão-mór, residente no Bihé e Bailundo, 1885.—Auxiliou a missão catholica sustentando os alumnos das escolas do Bihé, até 1887.—Incendiaram-lhe a propriedade de Belmonte em 1889.—Morreu envolto na bandeira da patria no 1.º de abril de 1890.—Trasladado para o Porto em 1891».

Ao centro da igreja, proximo da capella-mór erguia se uma magestosa eça, adornada de flores e arbustos, vendo-se de cada lado, as estatuas da Patria e da Historia.

Aos lados da eça erguiam-se tribunas em que tomaram logar, n'uma, a camara municipal, ministro da marinha, representantes da familia real e irmã, filha e sobrinhos do fallecido; na outra a deputação e socios da Sociedade de Geographia.

A decoração do templo era devida ao habilissimo armador o sr. Antonio Patricio.

A missa e responso foram acompanhados a grande orchestra.

Recitou a oração funebre o padre Francisco Patricio, que fez um brilhante discurso, em que rememorou as virtudes do illustre sertanejo e os relevantes serviços por elle prestados á patria.

Terminadas as exequias, que foram presididas pelo ex.^{mo} cardeal D. Americo, o feretro foi conduzido para o cemiterio da Lapa e deposto no mausoleu da familia da irmã do sertanejo. Junto do tumulo discursou o sr. presidente da camara municipal.

E d'este modo terminaram as solemnidades funebres com que a cidade do Porto quiz honrar a memoria impoluta de um dos seus mais dilectos filhos.

Terminamos, ennumerando as corôas e bouquets, que foram depostas sobre o feretro:

Uma corôa: «A cidade do Porto a Silva Porto».

Outra de amores perfeitos, violetas de Parma e rosas: «A meu chorado pae — Lagrimas sentidas da tua Amelia».

Um *bouquet* de rosas chá, amores perfeitos, papoulas, margaridas e glycinias: «A meu saudoso tio — Recordação de Emilia».

Uma corôa: «Ultimo adeus de seus sobrinhos Maria e José da Motta Campos».

Outra: «A meu querido irmão — Eterna saudade».

Outra: «Ao illustre patriota e seu benemerito irmão honorario A. F. F. da Silva Porto — Homenagem da Santa Casa da Misericordia do Porto».

Outra: «A' memoria do intrepido e mallogrado heroe Silva Porto, que, longe da sua patria, quiz morrer — Respeitosa admiração e profundo sentimento consagra a mesa administrativa da irmandade da Lapa».

Outra: «A Silva Porto, homenagem de respeito e verdadeira admiração. Lisboa, 11 de março de 1891 — L. H».

Um *bouquet* de flôres naturaes e palmas: «Ao grande portuguez Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto — Homenagem de respeito e veneração O Gremio Artistico».

Uma corôa: «A Silva Porto — 11 de abril de 1891 — Homenagem da Escola Academica. Lisboa».

Uma *corbeille* de flôres diversas: «Os bombeiros voluntarios de Loanda — A Silva Porto».

Uma corôa de bronze: «A Silva Porto — A Sociedade de Geographia de Lisboa — 1891».

Outra de flôres: «A Silva Porto — S. G. L., filial do Porto».

Outra: «A' memoria do prestante cidadão Silva Porto — 1 de abril de 1890 — A Associação Commercial de Coimbra em testemunho de gratidão e saudade — 12 de abril de 1891».

Outra: «A Silva Porto — A Real Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, offerece — Lisboa — 1891».

Um quadro com moldura dourada e negra: «Homenagem á memoria do benemerito africanista Silva Porto, que honrou a patria e pela patria morreu. Por occasião da passagem do seu cadaver no porto de Anna de Chaves. O. D. C. — Os socios da Sociedade de Geographia de Lisboa residentes em S. Thomé — 23 de março de 1891».

Uma corôa: «A' memoria de Silva Porto — 1891 — Os voluntarios de Coimbra».

Outra: «A' memoria do heroico martyr do amor da patria Silva Porto — Homenagem da Associação Commercial do Porto. 1891».

Outra: «A Silva Porto — Dulce et decorum est pro patria mori — Da Companhia Real do Caminho de Ferro Atravez da Africa».

Outra: «A Silva Porto — O Atheneu Commercial do Porto».

Outra: «A Silva Porto — Uma commissão de creanças».

Outra: «A Silva Porto — Os republicanos presos a bordo do «Vasco da Gama» — 12-4-91».

Outra com uma lyra ao centro: *Tmar*.

Outra: «Os emigrados politicos — A Silva Porto».

Outra: «A' memoria do portuguez Silva Porto — Homenagem da Academia do Porto».

Outra: «A Silva Porto — A Academia de Coimbra de 1891».

Outra: «A Silva Porto — O Collegio de Nossa Senhora da Gloria».

Outra: «A Silva Porto — O Lyceu Particular»

HOMENAGENS Á SILVA PORTO

1 Chegada do cortejo á Estação Central de Lisboa. — 2 As bandeiras das Expedições. — 3 Catafalco na Egreja da Lapa, no Porto. — 4. Chegada do cortejo á Egreja da Lapa, no Porto.

(Desenhos de Conceição Silva, segundo croquis do natural e photographias)

Outra: «A Silva Porto—O Collegio Portuense». Outra: «A Silva Porto — O Collegio Nacional do Porto».
Outra: «A' memoria de Silva Porto; 23 de março de 1891 — Os socios da Sociedade de Geographia residentes em S. Thomé»
Outra de bronze: «A Silva Porto — As Associações de Soccorros Mutuos do Porto».
Um *bouquet* de flôres: «A Silva Porto — O Club dos Caçadores».
Uma corôa: «A Silva Porto — O Centro Commercial do Porto».
Outra: «A Silva Porto — A Associação Beneficà dos Ourives».
Outra: «Ao benemerito cidadão Silva Porto — Os alumnos do Lyceu da Trindade». (Com esta corôa foram tambem entregues alguns *bouquets* por uma deputação de meninas do Lyceu da mesma Ordem.)
Outra: «A Silva Porto — Os operarios manipuladores de pão do Porto».
Outra: «Ao benemerito africanista Silva Porto — A Sociedade Alexandre Herculano».
Outra: «Ao glorioso martyr da civilisação africana — Homenagem do Gremio Serpa Pinto».
Outra: «A Silva Porto — Os operarios da Fundição do Ouro».

Porto, 15 de abril. *M. R.*

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance Original

II

NOIVA DE UM MORGADO

Na romaria dos pretendentes que foram apparecendo de todas as gerarchias e até de pontos distantes do Alemtejo, veiu figurar no primeiro plano o morgado de Louredo, homem cançado de prazeres, que nem dos annos nem das fadigas, que mourejava pelos seus cincoenta e cinco, mas a quem qualquer daria sem hesitar mais dez annos, tal era a apparencia gasta e doentia d'este derradeiro descendente d'uma arvore de primeira nobreza, e da qual o ultimo tronco tão carcumido e carunchoso, esperava que a morte, esse rachador imperturbavel, viesse dar a machadada fatal que o havia de fazer cahir no esquecimento do tumulo.

Era de estatura um pouco acima da regular, e secco; no rosto enrugado e amarelecido como folha de pergaminho, brincava ás vezes um soriso frio, irritante e malvado.

Os olhos pardos e de ordinario amortecidos e meio cerrados pelas palpebras descahidas pela oppilação, só brilhavam de odio ou cobiça, quando alguma d'estas duas paixões se lhe debatiam no cerebro.

De resto era quasi completamente calvo, porém isto era segredo que não passava do seu quarto de vestir, porque ninguem o via sem a cabelleira á Luiz XV, penteada e polvilhada, vestindo sempre irreprehensivelmente de preto, calção e meia e sapato de fivela.

Como fora um grande dissipador na mocidade era agora um grande avarento na velhice. Libertino e jogador, a sua mocidade fizera epocha no Palais-Royal, e ao regressar de Paris, onde completara a sua *distincta* educação, segundo dizia orgulhoso aos seus amigos o velho morgado, semeara não poucas infamias entre as boas familias camponezas, que o temiam como ao filho do seu senhor.

Quantas raparigas foram deshonradas e quantos bastardos atirados á margem, não era facil precisar o numero. O registro criminal ficara mudo perante o poder e a fidalguia de tão nobres senhores.

Quando o pae do actual morgado morrera, os bens estavam já bastante reduzidos e por isso o filho, zeloso de manter o prestigio do seu titulo e a dignidade do solar, mudou repentinamente de vida. Abandonou as caçadas, o jogo, as extravagancias, de que parecia estar fatigado, isolou-se por alguns mezes, a fim de pôr em ordem os seus papeis de familia, e entregando a administração da sua casa ao velho mordomo desappareceu por alguns annos da terra.

Para onde fôra, em que se occupara durante esse tempo, era cousa que os curiosos das duas aldeias de Louredo não poderam saber nunca, embora alguns mais atrevidos se abalançassem a interrogar o mordomo, que apenas respondia invariavelmente: *O Sr. anda viajando.*

Afinal haveria uns bons oito annos que o filho do morgado tornara a apparecer. Mas que differença do que fôra para o que voltára.

Sahira de Louredo um rapaz e voltara um velho.

N'este tempo morrera o mordomo, o morgado não provêra o logar, é claro que a fortuna não lhe sorrira, pelo contrario, cada vez ia diminuindo mais.

Dentro em pouco as propriedades hypothecadas ser-lhe hiam postas em praça e em breve os credores pol-o-hiam fóra do vetusto pardieiro em que vivia.

Uma alliança, pois, em boas condições de fortuna seria a unica cousa rasoavel que poderia tentar.

Mas quem o havia de querer para marido?

No entanto uma ideia lhe perpassou um dia pela mente ao sair da missa a que assistira Anninhas; tornar-se o marido d'ella e reparar á custa do patrimonio da inexperiente creança a sua fortuna arruinada.

Ruminando este plano não tardou que nas duas parentas de Anninhas, Claudio de Castro, o morgado de Louredo, encontrasse uma alliança condigna, e por isso commeçaram ellas por tornar o assumpto obrigado das suas conversações a vantajosa união da priminha com o morgado, a unica que ellas achavam em boas condições para uma menina inexperiente do tracto social, e da administração de uma importante fortuna.

Umas vezes punham ante os olhos de Anninhas as bellezas da capital, onde certamente seu marido a havia de levar; os explendores da côrte, os seus bailes magnificentes, onde com rasão ella havia de fulgurar como uma estrella brilhante de mocidade e opulencia.

Outras, fallavam-lhe á sua phantasia de mulher, mostrando-a feita *sr.ª morgada*, rodeada das maravilhas do luxo, na sua casa sumptuosa, onde seria servida por criados de librés multicores, fazendo morrer de inveja as maiores fidalgas da capital, com a ostentação das suas explendidas toilettes e dos custosos adereços de brilhantes.

Estas e outras praticas deslumbravam a infeliz Anna, produzindo-lhe no cerebro inculto uma extraordinaria fascinação; e então, como para melhor poder ver com os olhos do espirito as extravagantes miragens que elle lhe creava, fingia se adormecida, afim de prolongar aquelles sonhos que lhe sorriam.

Tinha noites de grandes insomnias, e quando algumas vezes, cançada d'essas longas vigilias, podia conciliar o somno, o seu repousar era sempre cortado dos mais extraordinarios pezadellos, denunciando assim a grande lucta de paixões, que, como chamma devastadora, se ateara no seu cerebro adolescente.

Demais a joven, absolutamente pura, ignorante do que era o amor, pensando que depois do affecto de seu pae, que perdera, não poderia encontrar outra dedicação mais sincera do que a que lhe offerecia o morgado, entregava-se despreoccupadamente áquelle antegoso, como se já na realidade estivesse na posse de todo esse bello futuro encantador.

Algumas noites, depois de adormecida, vinham então as parentas pé ante pé espiar-lhe o somno á porta do quarto, tirando dos monosyllabos que lhe ouviam pronunciar em sonhos, as illações, vantajosas ou não, para a feliz realisação do plano que serviam. E quando voltavam aos aposentos, que a boa Anninhas lhes destinara por dó e caridade, não se esqueciam de escrever o relatorio da espionagem que tinham exercido, para ao outro dia o irem levar ao morgado.

— Ah! que se nós arranjâmos este casamento... dizia a mais velha...

— Bem nos tem custado a resolver a rapariga, regougava a outra.

— Mas cede, tenho a certeza; e o sr. Claudio de Castro não se ha de esquecer de quem tanto o ajudou a entrar na posse de uma fortuna, que o vae *endireitar*.

— Já lá vão tres annos gastos n'estas tentativas, e afinal o morgado ha de ser da *louça* dos outros homens, que em se apanhando servidos não primam pela gratidão.

— Quem sabe, suspirava a irmã, mais credula nas virtudes do morgado... E' muito possivel que elle nos dê com que passar o resto da nossa vida, sem ter que nos humilharmos em acceitar as sopas d'esta nossa parenta, que odiamos do fundo d'alma!

— Tambem, onde ha de ir que mais valha, o *monstrangão* da rapariga!

— Uma *lesma*, que já fez quinze annos e não tem geito para cousa nenhuma.

— E depois a respeito de formosura tem tanta como a mãe que era uma cara de embirração...

— E mal educada...

— E suberba...

— Nunca me esquecerá aquella vez que a Joanna do Vidal nos não quiz fallar na egreja de Santa Clara, porque estavamos miseravelmente vestidas

— Não se lembrava já d'onde tinha vindo aquella *princeza*...

Era quasi sempre depois de similhantes demonstrações de *gratidão* por aquella de quem recebiam o agasalho e o alimento quotidiano, que estas *boas almas* cerravam as palpebras, para no dia seguinte voltarem a empenharem-se com mais ardor na *piedosa missão* de aproximarem das garras do abutre a casta pomba indefeza.

O tutor de Anna, ao corrente do caminho que as cousas levavam, ainda pensara em reagir contra esta exploração ignobil, mas ninguem se importou com os seus protestos, e até os mais maliciosos chegaram a dizer lhe: *que se elle tomava tanto a peito em não querer que a filha do Antonio casasse com o morgado de Louredo, é porque talvez a estivesse guardando para si.*

Estas e outras insidias espalhadas pelas creaturas de Claudio de Castro, surtiram o effeito desejado, e o honrado tabellião, desgostoso por lhe ousarem attribuir similhante manejo improprio do seu caracter leal, afastou-se e deixou que as cousas seguissem como iam.

Resultou disto que a pobre Anninhas abandonada de todo o conselho e estonteada pelas seducções de um enlace tão *auspicioso*, acceitasse por marido o infame morgado de Louredo.

Tal união só deveria acarretar-lhe uma longa serie de desgraças; porem poderia provêl-as Anna da Soledade?

(Continúa).

Julio Rocha.

REVISTA POLITICA

D'esta vez a crise do governo confirmou-se plenamente, e o sr. presidente do conselho chegou a ir ao passo apresentar a El-Rei a demissão do gabinete.

El-rei, porém, não acceitou a demissão pedida, porque entendeu que nenhuma indicação constitucional a exigia, mas unicamente o capricho ou cansasso de alguns ministros, o que em verdade não depunha extraordinariamente em favor do civismo ou patriotismo dos ministros que queriam largar as pastas, em occasião tão critica.

Tudo ficou pois, como estava e não foi de mau conselho tal resolução, porque o contrario só servia para complicar ainda mais a situação, que não obstante não se saber bem o que é, sabe-se que é já sufficientemente má.

Os ministros que mais insistiam pela sua sahida eram os srs. Dr. Antonio Candido, do reino, Dr. Emilio Brandão, da justiça e Thomaz Ribeiro, das obras publicas.

O sr. Thomaz Ribeiro, principalmente, é o que mais resistencia offerecia a ficar, não sabemos bem se por vêr mal apreciada a sua medida com que tornou effectiva a reforma da fiscalisação dos caminhos de ferro, reforma que trouxe para o thezouro a despeza de mais uns quarenta contos annuaes, além das varias preterições de que já apparecem queixas.

Um cumulo de moralidade emfim, para sustentaculo das instituições, que de resto não se sabe quaes sejam, no desmantelo em que este pobre paiz vae vegetendo.

O que continua a preocupar os espiritos são as *economias*, palavra sonora que ouvimos repetir ha quasi meio seculo, sem que governo nenhum tenha atinado com a sua significação.

E' caso para o contribuinte mandar um diccionario de Moraes a cada um dos srs. ministros, com um signal na pagina respectiva, porque é possivel que andem enganados no que seja economia, e nem d'outro modo se explica a tal reforma da fiscalisação dos caminhos de ferro.

O mais curioso de tudo isto, porém, é que querendo pelo ministerio da fazenda fazerem se economias nos emolumentos aduaneiros, logo os empregados vieram representar contra essa medida que os lesava, e para que não fossem só estes empregados do fisco a protestarem, trata-se de reunir toda a classe de funccionarios publicos com o intuito de defender os seus honorarios contra qualquer diminuição que o governo lhes faça.

D'este modo não é facil entender este gritar por economias quando ninguem as quer acceitar.

Fica a gente aturdido no meio d'esta confusão, sem saber se os que pedem economias serão os mesmos que depois virão protestar contra ellas, por lhe tocarem pela porta

E emquanto os sabios politicos cogitam sobre o modo de fazer economias, respeitando os grandes

e só cerceando os pequenos sem que estes protestem, outros factos vão occorrendo na nossa vida politica nada tranquilisadores e que cada vez aggravam mais a situação do paiz.

Um d'esses factos é a crescente emigração que vae despovoando o melhor das nossas provincias. Esta emigração reclama as mais immediatas providencias, e no entanto nada se faz no sentido de a cohibir.

Na Guiné a imprudencia e mau tato politico do governador está comprometendo aquella provincia ultramarina, provocando a guerra do indigena sem vantagem para ninguem e grave prejuizo da nossa força moral e material.

Em Cabo Verde graça a fome e a falta de emprego para os braços cresce assustadoramente.

Em o norte de Portugal o descontentamento é grande receiando-se muito pela tranquillidade d'esta parte do paiz

As consequencias de tudo isto estão-se sentindo já na paralisação do commercio e dos trabalhos.

Nunca se tornou tão preciso um governo de acção, energico e forte, para luctar contra tantos revezes, como n'este momento, e apesar d'isso não o temos, não bastante toda a força que os partidos lhe estão dando.

Verdade é que ha muitos annos que não pesavam sobre um governo tantas e tão complicadas questões como as que ultimamente se tem accumulado, principiando pela questão colonial com a Inglaterra, a mais embaraçosa, talvez, de todos, que difficulta a solução das outras.

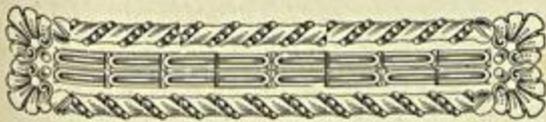
Já transpira alguma coisa a respeito da contra-proposta do governo inglez, e parece que n'essa contra-proposta só temos melhores palavras, mas peiores conceções Questão de rethorica e mais nada.

Levam-nos mais terras d'Africa e dão-nos melhores palavras.

Para nos consolar-mos só temos um laconico telegramma de Africa que diz que os inglezes foram batidos pelos nossos.

Esta noticia, porém, carece de confirmação e pormenores.

Verêmos se na proxima revista teremos que dar ao leitor a grata noticia de termos batido os bifes.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso Catholico. — Vamos completar, como promettemos a noticia do Congresso Catholico que publicamos em o nosso ultimo numero, resumindo aqui o que se passou nas sessões do mesmo congresso.

A primeira sessão realisou-se na egreja do Collegio, em a noite de 6, depois da inauguração que tivera logar n'esse mesmo dia, na Sé de Braga. Na egreja tinham-se disposto logares para cerca de 2:000 pessoas. A' banda do Evangelho era a tribuna para os prelados e a seguir os logares destinados aos outros dignatarios e oradores.

Em frente da tribuna estava um grande estrado com cadeiras para as damas, e ao centro os logares para as mais pessoas que concorreram ás sessões. A' entrada da capella-mór levantou-se um altar em que se via o crucifixo e fronteiro a capella ergueu-se um amphetheatro em que os duzentos e tantos seminaristas assistiram ás sessões.

As 8 horas achava-se reunido o congresso: o venerando arcebispo de Braga tomou a presidencia tendo á sua direita os ex.mos bispos de Coimbra e de Portalegre, e á esquerda os de Bragança e de Lamego, este um venerando ancião que não teve duvida em emprehender uma longa viagem, pouco commoda para a sua avançada edade, e vir assistir áquella reunião onde os deveres do seu cargo o chamavam.

Aos lados dos bispos tomavam assento os representantes dos prelados que não poderam comparecer, e assim se achavam ali os ex.mos srs. drs. Luiz José Dias, prior de Santa Catharina, representando Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa, dr. Moreira Freire, representando Sua Eminencia o Cardeal Bispo do Porto, mousenhor Campos representante de sua ex.ª o arcebispo do Algarve, dr. Manuel Vieira de Mattos representante de sua ex.ª o Bispo de Vizeu.

No estrado nobre tomavam assento os distinctos lentes de teologia, ex.mos srs. drs Ramos, Porfirio, Vasconcellos, Martins; e dr. Souza Gomes, da faculdade de philosophia; dr. Boavida, conego arcipreste de Lisboa e superior do Collegio das Missões; conde de Casal Ribeiro, illustre governador civil do districto; dr. Macedo Chaves, governador civil substituto: drs. Alves Matheus, Manuel Albuquerque, Carlos Braga; D. José de Saldanha, D. Antonio d'Almeida, par do reino, Rodrigues de Carvalho, visconde da Torre, conselheiro Rocha Paris, visconde de Negrellos, dr. João Feio, administrador do concelho, dr. Pinto Coelho, etc.

A sessão abriu com vivas levantados pelo ex.mo sr. dr. D. Antonio d'Almeida a S. S. Papa Leão XIII, a sua excellencia o dr. arcebispo de Braga e á religiosa cidade em que se celebrava o congresso.

O venerando prelado, depois da recitação do *Veni Sancte Spiritus*, fez um breve e eloquente discurso fazendo vêr as vantagens do congresso, como uma união de forças para combater os males que affligem a sociedade portugueza, onde desgraçadamente vae lavrando a descrença com todas as suas funestas consequencias. É isto a syntese do discurso de sua ex.ª, o qual foi vivamente applaudido.

Discursaram em seguida o ex.mo bispo-conde agradecendo o bello acolhimento com que ali era recebido e os seus collegas no episcopado, exaltando a utilidade d'estes congressos, tendentes a levantar o espirito religioso, a unir os laços de paz e de caridade, e exortando o clero a com o seu exemplo animar e consolidar os laços religiosos e resistir contra a corrente do mal; ex.mo sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, decano da faculdade de theologia; ex.mo sr. dr. D. Antonio d'Almeida; ex.mo sr. dr. Carlos Braga; ex.mo sr. D. José de Saldanha, sendo todos muito applaudidos.

A segunda sessão foi tanto ou mais concorrida do que a primeira.

N'esta sessão fallou em primeiro logar o ex.mo sr. Dr. Luiz José Dias, prior de Santa Catharina e representante de Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa. O seu discurso fluente, deringindo-se ao alvo sem rodeios, cheio de verve, produziu no auditorio agradavel impressão; pintou com cores vivas o estado actual da sociedade portugueza e mostrou a necessidade de um concilio nacional, para tornar mais proveitoso os fins a que se propunha aquelle congresso. Sob o ponto de vista pratico, que é o que mais importa, o sr. dr. Luiz José Dias fez odiscurso mais notavel e que mais impressionou.

Em seguida discursou o ex.mo sr. Dr. Francisco Martins lente de theologia o qual tratou da influencia benefica do Pontificado sobre as sociedades, no que affirmou grande erudição.

Falou depois o ex.mo sr. Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, que discursou largamente sobre as ordens religiosas, referindo-se tambem ao estado actual da sociedade portugueza. Tanto este orador como o precedente foram muito applaudidos.

A 3.ª sessão do congresso realisou-se em a noite de 8, com a mesma concorrencia que as antecedentes.

Foi lido um telegramma recebido de Sua Santidade, e derigido ao congresso que o ouviu de pé. O telegramma é assim concebido:

Monsenhor arcebispo de Braga, Portugal. — O Santo Padre soube com viva satisfação a noticia, participada por v. ex.ª e seus collegas, da demonstração de filial affecto; espera felizes resultados do 2.º congresso catholico e abençôa com effusão do coração arcebispos, bispos, ecclesiasticos e fieis que a elle assistirem. — *Cardeal Rampolla.*

Depois da leitura foram levantados vivas ao Pontefice.

Seguiram a falar os oradores inscriptos principiando pelo ex.mo sr. Dr. Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, professor de direito ecclesiastico no Seminario Conciliar e conego da Sé primacial, o qual tomou para these: Doutrina da egreja catholica sobre os direitos e deveres dos patrões e operarios. Tratou perfeitamente esta these.

Depois o ex.mo sr. Conde de Samodães que discursou sobre: vantagens de entregar o tratamento dos doentes nos hospitaes, e a educação nos asylos, orphanatos, casas de regeneração de vadios e mulheres perdidas etc. ás congregações religiosas que se dedicam especialmente a estas missões. Sobre isto discorre com perfeito conhecimento pratico e é muito applaudido ao terminar.

A este orador seguiu-se o ex.mo sr. Dr. Pedro Gonçalves Sanches, lente de Historia Ecclesiastica do Seminario de Braga, que discursou brilhantemente sobre estes tres pontos: pretendido antagonismo entre as verdades catholicas e as affirmações e descobertas mais recentes no campo das sciencias nateraes, que devediu em evolução cosmica, evolução biologica e evolução geral da humanidade.

Fallou por fim n'esta sessão o ex.mo sr. dr. Adolpho de Macedo discursando sobre a conveniencia de introduzir nos seminarios o ensino da phisica elementar, chimica e historia natural, dando a este estudo uma feição consentanea com o estado actual de theologia em face dos progressos das sciencias naturaes. Com este orador terminou a 3.ª sessão, sendo todos os oradores muito victoriados.

A 4.ª sessão realisou-se na noite de 9, sendo cada vez maior o interesse do publico em assistir ás sessões.

Teve primeiro a palavra os ex.mos srs. Dr. Moreira Freire, abade de S.to Ildefonso e representante do Ex.mo bispo-cardeal D. Americo do Porto, discursou eloquentemente sobre: Intervenção dos parochos no ensino religioso e moral, ministrado nas escolas primarias das freguezias. O discurso do illustre sacerdote enthusiasmou completamente o auditorio.

Segue-se no uso da palavra o rev. padre Nestor Gomes que fallou sobre: Importancia das associações religiosas como as confrarias de S. Vicente de Paula e outras para assistencia material e espiritual dos pobres. Foi muito apreciado o seu discurso.

Fallou depois o ex.mo sr. dr. Boavida, conego arcipreste do patriarchado e superior das missões. Fez o elogio dos venerandos prelados e discorre sobre: Necessidade immediata d'associações de ambos os sexos para as missões ultramarinas. Affirma com verdadeiro fundamento que as missões ultramarinas são o mais seguro meio de sustentarmos os nossos dominios africanos.

E' muito applaudido ao terminar o seu discurso.

A 5.ª e ultima sessão do congresso foi em a noite de 10. Depois de lida uma felicitação do ex.mo Nuncio, e varias adhesões de cavalheiros e corporações, tomou a palavra o ex.mo sr. dr. Porfirio Antonio da Silva, lente de theologia da Universidade. O seu discurso versou sobre a missão do padre catholico, em que discorreu com muita eloquencia e agrado do auditorio.

Discursou depois o muito reverendo padre João Affonso da Cunha Guimarães professor de latim e de philosophia, Discursou sobre: Necessidade de fomentar a creação e desenvolvimento dos pequenos seminarios. Trata muito bem este assumpto que merece manifestações de applauso da assemblea.

Falla depois o ex.mo sr. Fernando Pedrozo, que toma para assumpto: A esmola missionaria ou seja a cotisação semanal de pequenas esmolas para sustentar e desenvolver as nossas missões em Africa, discursando largamente sobre as nossas possessões.

Pela segunda vez toma a palavra o ex.mo sr. Dr. Pinto Coelho, para explicar algumas das suas palavras do primeiro discurso que fizera, na parte em que se referira ás escolas municipaes, discursando depois sobre a historia do papado com grande erudição.

Foi este o ultimo discurso com que concluiu o segundo congresso catholico.

O illustre prelado da Sé Bracarense encerrou o congresso felicitando e felicitando-se pela boa ordem em que tinham corrido os trabalhos, agradecendo a cooperação de todos e fazendo votos pelos bons resultados que havia a esperar dos trabalhos iniciados n'aquella reunião.

No dia 12 realisou-se uma peregrinação á Virgem do Sameiro em que tomaram parte quasi todos os congressistas acompanhados de muitos convidados e grande massa de povo em numero não inferior a 10:000 pessoas.

No templo houve um solemne *Te-Deum.*

No regresso ao Bom Jesus o sr. Gomes proprietario do Hotel, offereceu aos illustres prelados um jantar em que tomaram parte 40 pessoas.

Para completar quanto possivel esta resumida noticia concluiremos pelas: *Resoluções do Congresso Catholico.*

1.ª O congresso reconhece e affirma que a soberania temporal da santa sé é uma necessidade, e foi estabelecida por designio manifesto da providencia divina.

2.ª O congresso vota a necessidade impreterivel da ampla liberdade de associação para a egreja em Portugal. Julga especialmente necessaria a admissão das ordens e congregações religiosas, e d'entre essas considera de urgencia impreterivel as congregações e ordens de um e outro sexo para as missões ultramarinas.

3.ª O congresso reconhece a necessidade da concentração das forças vivas da egreja luzitana para acudir ao restabelecimento da ordem social e moral do paiz, e por isso deseja ardentemente que os dignos prelados do reino se entendam com toda a urgencia e combinem o melhor meio de

levar a effeito a celebração d'um concilio nacional.

4.ª O congresso vota a necessidade de fomentar, a creação e desenvolvimento dos pequenos seminarios, verdadeiros institutos de aprendizagem e preparação de vocações para o estado ecclesiastico.

5.ª O congresso reconhece e affirma que ha perfeita harmonia entre os dogmas catholicos e as verdades demonstradas pelas sciencias naturaes.

6.ª O congresso reconhece e affirma a necessidade dos monte-pios do clero nacional.

7.ª O congresso, ponderando em face do magestoso e irrecusavel testemunho da historia quão benefica tem sido atravez de todos os seculos a influencia do pontificado romano sobre os povos, e convencido que pode e deve continual-a proficuamente, deseja que se reclame a arbitragem do summo pontifice nas pendencias que surjam entre as nações, como o meio mais proprio para evitar as guerras com todas as suas funestas consequencias.

8.ª O congresso reconhece e vota a necessidade para o desenvolvimento social, de basear os direitos e deveres dos operarios e patrões nos ensinamentos da egreja catholica.

9.º O congresso affirma a immediata necessidade de se organisar uma sociedade, com séde em Braga e filiaes nas colonias e Brazil, tendo por fim não só elucidar as populações ruraes sobre os inconvenientes da emigração, mas tambem proteger os emigrados, já nas suas necessidades moraes, já nas suas enfermidades e privações. Affirma egualmente a necessidade de se organisarem institutos que promovam a educação e ensino não só dos filhos dos emigrados residentes nas mesmas colonias, senão tambem dos povos indigenas.

10.ª O congresso reconhece que a intervenção dos parochos no ensino relioso e moral das escolas primarias da respectiva freguezia está dentro das atribuições do seu ministerio e é um dos meios mais efficazes, e actualmente mais urgentes, da rehabilitação moral da sociedade: e por isso deseja que ella seja pratica e zelosamente exercida.

11.ª O congresso affirma a inefficacia dos meios que se não inspiram dos principios da religião catholica para a regeneração material e moral dos desvalidos, e entende que um dos melhores meios para o conseguir seria a diffusão e multiplicação no nosso paiz das conferencias de S. Vicente de Paula e analogas associações.

12.º O congresso vota a necessidade de sustentar e melhorar os jornaes catholicos, de modo que sejam procurados e lidos por todas as classes sociaes, e levem ao seio d'ellas os bons principios e combatam os erros tão diffundidos e tão perniciosos á ordem social.

13.ª O congresso vota a conveniencia de em todas as dioceses se formarem sociedades ou ligas catholicas, presididas pelos respectivos prelados.

14.ª O congresso reconhece e affirma que o meio mais apto para evitar as más leituras e propagar as boas, é inquestionavelmente a formação de associações, sujeitas á direcção dos ex.mos prelados, que tenham por fim subvencionar a imprensa catholica, por fórma que possam ser distribuidos gratuitamente periodicos catholicos por botequins, hoteis, clubs, prisões, casas de correcção, etc.

15.ª O congresso affirma que os meios que não se inspiram dos principios da religião catholica, são inefficazes para melhorar a sorte dos desvalidos.

16.ª O congresso vota que o tratamento dos doentes nos hospitaes, e educação nos asylos, orphanatos, casas de regeneração de vadios e penitenciarias, devem de preferencia ser entregues ás congregações religiosas que se dedicam especialmente a estas missões.

17.ª O congresso delibera que se represente a sua magestade que a religião do estado e o bem da sociedade exigem que sejam banidos das escolas primarias, secundarias, especiaes e superiores todos os compendios que offenderem a religião, a moral christã ou as instituições ecclesiasticas.

18.ª O congresso vota a necessidade das congregações e ordens religiosas para o desenvolvimento das missões ultramarinas e, comprehendendo as avultadas despezas que estas reclamam, vota tambem ser altamente desejavel o estabelecimento d'uma associação da esmola missionaria em favor das missões dos nossos dominios ultramarinos.

19.ª O congresso entende de justiça e de gratidão louvar os esforços apostolicos do ex.mo sr. cardeal Lavigerie, arcebispo de Chartago e de Argel, sob a primeira iniciativa e apostolica benção de sua santidade, para o acabamento da escravatura na Africa.

20.ª O congresso expressa o seu profundo sentimento pela morte do campeão catholico na Allemanha, o sr. Luiz Windthorst, e á sua familia, e ao centro catholico allemão envia sentidos pezames.

Fallecimento de um lente da Universidade. — Falleceu em Coimbra, no dia 1 do corrente o sr. conselheiro dr. Florencio Mago Barreto Feio, lente de prima jubilado da Faculdade de Mathematica. Era o fallecido um dos membros mais prestantes do corpo cathedratico da universidade, á qual prestou importantes serviços no longo periodo de quasi cincoenta annos.

O sr. Barreto Feio era natural do Porto onde nasceu a 6 de janeiro de 1819. Veio estudar para a Universidade em 1836, matriculando-se na Faculdade de Mathematica de que foi um dos estudantes mais distinctos, tomando o grau de doutor em 1841. Em 1843 foi nomeado ajudante do observatorio, e em 1851 promovido a lente substituto da Faculdade de Mathematica. Desempenhou varias commissões de serviço tanto na Universidade como fóra, sempre com muito zelo e provada capacidade, pelo que foi agraciado com a commenda de Christo em 1853 e a carta de conselho em 1858 em consideração dos serviços prestados no desempenho de commissões scientificas e litterarias e nas funcções do magisterio.

Deixou escriptas algumas memorias sobre sciencia e outros trabalhos litterarios impressos em periodicos.

Descance em paz o prestante professor, que a morte arrebatou após curta doença.

LIBATA DE BELMONTE ONDE VIVEU SILVA PORTO

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43